

INTERFACES RELIGIOSAS E CULTURAIS DA METRÓPOLE

Rafael Lopez Villasenor
rafamx65@gmail.com

RESUMO: a urbanização é a fruto da globalização, que gerou ampla mobilidade humana, em busca de melhores condições de vida. A cidade passou a ser um modo de viver e conviver, numa nova cultura e com sua multiplicidade de interfaces. Muitos dos desafios da atualidade emanam cultura urbana. O texto analisa as interfaces da metrópole a partir da multiplicidade cultural e religiosa, responde à pergunta: quais são os desafios da pluralidade cultural e religiosa da cidade? Para desenvolver a temática, consideramos a ambivalência e a multiplicidade da cidade com uma cultura híbrida, dinâmica e mutável, que liga múltiplas formas, valores e estilos de vida que afetam todas as realidades. A cidade é multicultural, não porque seja aberta à diversidade e à tolerância; mas pelo crescimento desenfreado das metrópoles, que gera o aumento da exclusão e da desigualdade social. Ainda, na cidade as práticas religiosas sofreram impactos desagregadores, colocando o indivíduo no centro das ofertas de consumo de todo tipo religioso de bens simbólicos.

ABSTRACT: urbanization is the product of globalization, which created a vast human mobility looking for a better life. The city became a way of living and living together in a new culture with its multiplicity of interfaces. Many of today's challenges stem from the urban culture. The text analyzes the interfaces in the metropolis from the perspective of the cultural and religious multiplicity, and answers the following question: What are the challenges of the cultural and religious pluralism in the city? To develop this topic, we consider the ambivalence and multiplicity of the city along with a hybrid culture, changing and dynamic, that ties multiple forms, values and lifestyles that affect all realities. The city is multicultural not because it is open to diversity and tolerance, but because of the intemperate growth of the metropolis, which increases exclusion and social inequality. Religious practices suffered destructive consequences in the city, placing the individual at the center of all kinds of religious offers of symbolic goods.

INTRODUÇÃO

A atual urbanização do mundo é a concretização da globalização, do capitalismo e do consumismo, resultado da centralidade econômica mundial, que levou à migração do campo para a cidade, dos países pobres para os ricos. Portanto, o êxodo acelerado para as grandes cidades, em busca de melhores condições de vida, alimentou concentrações populacionais criando novos desafios a serem enfrentados. Contudo a cidade antes de ser um espaço físico, urbano é um espaço social e cultural, que cria um ambiente de ser, um modo de viver e conviver, uma nova cultura com uma multiplicidade de facetas. Também nós xaverianos e xaverianas desenvolvemos a maioria de nossas atividades formativas, pastorais e missionárias nas grandes cidades.

Muitos dos desafios gerados na atualidade procedem da nova cultura urbana. Por isso, nosso trabalho pretende desenvolver as diversas interfaces da cidade a partir da multiplicidade cultural e religiosa. Num primeiro momento, analisamos a ambivalência e a multiplicidade da cidade com uma cultura híbrida, dinâmica e mutável, que liga múltiplas formas, valores e estilos de vida que afetam todas as realidades. A cidade é multicultural, não porque seja aberta à diversidade e à tolerância; mas pelo crescimento desenfreado dos grandes centros urbanos, que gera tanto oportunidades como desigualdade social, produz al mesmo tempo vida e morte. Igualmente as práticas religiosas sofreram impactos desagregadores, colocando o indivíduo no centro das ofertas de consumo religioso.

1. UM OLHAR DA MULTIPLICIDADE DA CIDADE

a) Ambiguidade da cidade

A cidade é um fenômeno considerado como ambíguo desde a antiguidade. Nos textos Bíblicos desde o livro do Gênesis (4,17; 11, 1-9), aparece uma visão, no geral, negativa da cidade. Os padres da Igreja nos escritos apresentam uma análise bastante negati-

vo, por exemplo, Santo Atanásio¹ considera a cidade extremamente negativa, pois, no tempo dele, a cidade era o símbolo da morte. Nela havia miséria, marginalização, corrupção. Santo Agostinho tem um parecer e uma avaliação mais positiva da “cidade do homem”, na medida em que ela se espelha na “cidade de Deus”, considerada como definitiva.² Em Santo Anselmo³, encontramos uma crítica feroz à cidade, na medida em que representa a desordem, a quebra da ordem feudal. No entanto, é a partir dos “burgos” que se abrirá uma nova fase para a vivência da liberdade. Como observamos com esses poucos modelos, a cidade é um fenômeno humano pelo menos, ambivalente, e não se pode simplesmente considerar contraproducente ou causadora de males.⁴

No Medievo europeu a cidade era uma entidade política e administrativa, assim como o agrupamento de casas cercado com muralhas, que ofereciam segurança de invasões externas e dava aconchego aos moradores. A sociedade era organizada e constituída por feudos, em torno de castelos, de reis e de nobres, o que eram conhecidos como cidades estadas independentes.

Atualmente, a cidade continua sendo considerada ambígua, no sentido que produz vida e morte, segurança e violência, certezas e dúvidas, individualismo e pluralismo, entre outros aspectos. “Ela dá origem a uma espécie de ambivalência permanente, porque, ao mesmo tempo em que oferece aos seus habitantes infinitas possibilidades, interpõe também numerosas dificuldades ao pleno desenvolvimento da vida de muitos. Esta contradição provoca sofrimentos lancinantes” (EG 74). Porém é também, o lugar de anonimato, de superficialidade nas relações sociais, de falta de participação, criando um ambiente constante de insegurança e fobia.

¹ Cf. Atanásio. “Sur l’Incarnation du Verbe”, *Sources Chrétiennes*, Cerf, Paris, 1946, pp. 207-317.

² Cf. F. M. T. Ramos. *A ideia de Estado na doutrina ético-política de S. Agostinho*. São Paulo: Loyola, 1984, p. 354.

³ Cf. Anselmo. “Cur Deus Homo”, *Obras Completas*, BAC, tomo I, por Julien Alameda, Madrid, 1952, pp. 742-891.

⁴ FERRARO, B. Pastoral urbana hoje. *Revista Vida Pastoral*. Julho-Agosto de 1990. São Paulo: Paulus, pp. 2-13.

b) Concretização da modernidade e do capitalismo

A cidade é o resultado da centralidade econômica, que levou a migração para as metrópoles, trazendo grandes mudanças culturais, sociais e religiosas, embora as tradições religiosas populares mantêm-se ainda durante alguns anos, mas influem pouco ou nada nas gerações nascidas nas metrópoles. A urbanização tornou-se um fenômeno mundial. Nunca antes tinham acontecido tantas novidades ao mesmo tempo, que criam tantas transformações na vida social, familiar e religiosa.

Podemos pensar a cidade a partir de vários critérios, os quais incluem população, densidade populacional ou estatuto legal, embora sua clara definição não seja precisa, sendo alvo de discussões diversas. A população de uma cidade varia entre as poucas centenas de habitantes até as dezenas de milhões de habitantes. Não há um padrão mundial que defina a cidade. Mas, antes de ser um espaço físico, o urbano é um espaço social e cultural, que cria um ambiente de ser, um modo de viver e conviver, uma nova cultura. É o ambiente, onde vivem seres humanos que têm suas necessidades, seus sonhos, seus projetos de vida. É o ambiente modificado, alterado e construído

A cidade é um novo espaço social, que tem uma nova civilização, um novo modo de viver e agir, na qual as pessoas procuram ser felizes de maneira individual e privada, buscando mais a felicidade de bens econômicos, privados, particulares, subjetivos e religiosos. A cultura da cidade é “híbrida, dinâmica e mutável, pois amalgama múltiplas formas, valores e estilos de vida e afeta todas as coletividades” (DAp 58). Ela é fruto de grandes migrações de população, em sua maioria pobre, que se estabeleceu ao redor das cidades nos cinturões de miséria. A vida desenvolve-se, ao mesmo tempo, em diversos espaços, mas, de maneira individual, é uma vida bastante agitada e estressante, o que leva muitas vezes a procurar conforto e sentido para a vida, com um tipo de religiosidade individualista e sentimentalista.

c) Individualidade urbana

A pessoa na cidade encontra uma série de alternativas decorrentes da característica pluralista da cidade, a respeito das quais ele precisa tomar decisões de escolha. É natural e decorrente a questão: qual igreja frequentar? Qual religião ou qual divindade venerar? A cidade oferece ao indivíduo inúmeras opções de produtos e de religiões que se encontram no bojo dessas opções do mercado. A escolha do indivíduo passa a não mais ser apenas uma questão de fé, ou de instituição, mas de vantagens, privilégios, comodismos.

Para o sociólogo Zygmunt Bauman⁵ “as cidades transformaram-se em espaços de problemas causados pela globalização”, onde o giro da roda do confronto entre padrões globais e enigmas locais que recriam os muros das separações através de manifestações tecnológicas e arquitetônicas de áreas urbanas aparecidas nas versões dos condomínios fechados e qualificadas como representação da mixofobia; isto é, o medo de misturar-se. Dentro das estruturas urbanas, brota o clima de pessimismo, onde a vida cotidiana tem a sensação de “perigo” e a “necessidade de proteção”. Bauman aprofunda a sensação de caos da arquitetura urbana no mundo globalizado de desconfiado, medroso e extremista em relação aos relacionamentos, comida, fumo, sexo, além dos grandes lucros comerciais da indústria do medo pautada em estratégias de marketing de segurança pessoal.

O mundo globalizado provocou migrações para as cidades, que não conseguem receber adequadamente os novos moradores, garantindo emprego, educação, saúde, segurança, entre outros serviços; causando a insegurança e a informalidade. Portanto, as camadas da classe média se auto-guetizaram, aumentando a mixofobia, criando o desafio de viver lado a lado com desconhecidos e com os marginalizados, em locais influenciados por fenômenos globais que não podemos controlar.

⁵ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

Logo, existe a ilusão de controle, usado para vender condomínios fechados, “cápsulas defensivas” acompanhados da promessa de distinção social que acaba sendo uma forma de auto-exclusão social, com muros altos, alarmes com o intuito de afastar a presença de indesejados. O verdadeiro preço a pagar é uma paranoia de mixofobia que se reproduz a si própria.⁶ Ao contrário na cidade, deveríamos ser educados para a mixofilia no sentido de criar um padrão de interação social que aceite abertura e valorização do diferente e do desigual.

Os ricos se tornam cada vez mais ricos, enquanto os pobres, mais pobres, realidade que recria o medo e a insegurança, decorrendo na busca sem fim por tudo que possa, pelo menos e aparentemente, trazer segurança contra tudo que lhe for “estranho” e perigoso. Portanto, “hoje se formulam previsões apavorantes e fatalistas, e o progresso representa a ameaça de uma inexorável e inevitável mudança que não promete paz nem repouso, mas crises e tensões contínuas, sem um segundo de tregua, uma espécie de “jogo das cadeiras” no qual um segundo de distração pode levar à derrota irrevogável, à exclusão sem apelo”.⁷ Portanto, “o estrangeiro é, por definição, alguém cuja ação é guiada por intenções que, no máximo, se pode tentar adivinhar, mas que ninguém jamais conhecerá com certeza”.⁸ Os medos são representados pelas reações xenófobas, dos rancores contra estrangeiros, que muitas vezes, são vistos como perigosos. “Os estrangeiros tendem a parecer tanto mais assustadores, quanto mais distantes, desconhecidos e incompreensíveis os vemos”.⁹ A convivência pacífica na cidade está longe de acontecer, contudo, podemos ser diferentes e vivermos juntos, podemos aprender a arte de viver com a diferença, respeitando-a e aceitando-a. Trata-se de um aprendizagem que é possível fazer-se aos poucos na cidade.¹⁰

⁶ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e juventude*. Conversas com Riccardo Mazzeo. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. pp 52-53.

⁸ *Ibidem* p 37.

⁹ *Ibidem* p. 42.

¹⁰ *Ibidem* p. 85.

Paradoxalmente, a cultura urbana também é cultura de massa, isto é, a individualidade foi resgatada, mas a pessoa foi massificada. Porque “a própria noção de indivíduo e a sua concentração em si mesmo corresponde a uma ideia massificada, cada vez mais globalizada”¹¹; em que os dinamismos do desejo individual, parecem constituir o núcleo da individualidade, trabalhados em processos publicitários, fortemente massificados, em que cada indivíduo tem a falsa convicção de ser único no desejo, porém é massificado no seu contexto. O fenómeno da moda, por exemplo, é um dos mais reveladores deste campo paradoxal. Vive-se uma cultura em que as pessoas estão convencidas da individualidade inalienável, que é uma constituição massificada, originado por processos globais que, não reconhecem indivíduos como sujeitos, mas apenas consumidores, enquanto número.

d) Lugar de grandes transformações

A cidade é o lugar que, acontecem complexas transformações socioeconômicas, culturais, políticas e religiosas que fazem impacto em todas as dimensões da vida. Formada de cidades satélites, favelas, cortiços, bairros periféricos (Cf. DAp 510). Nela convivem diferentes categorias sociais, tais como as elites econômicas, sociais e políticas; tanto a classe média como a grande multidão dos pobres. Coexistem binômios que a desafiam cotidianamente: tradição e modernidade; globalidade e particularidade; inclusão e exclusão; personalização e despersonalização; linguagem secular e religiosa; homogeneidade pluralidade, cultura urbana e pluri-multiculturalismo (DAp 512). A cidade é o lugar de oportunidades, mas cria exclusão social e empobrecimento, como resultado das contradições de parcelas imensas da população em condições precárias.

¹¹ DUQUE, J. M. Transmissão da fé em contexto pós moderno. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, Ano 45, Número 126, p. 179-204, Mai./Ago. 2013 p. 208.

2. PLURALISMOS CULTURAIS DA CIDADE

a) Diversidade cultural

A cidade contemporânea configura uma heterogeneidade cultural, com distintos grupos humanos, diversos interesses, múltiplas formas de organizar e produzir as identidades culturais. Portanto, as grandes cidades e metrópoles constituem uma região multicultural. É extenso e complexo o elenco das diversidades culturais que as caracterizam. Não só em decorrência da imigração interna e estrangeira, mas também como resultado da diversidade que as caracteriza. A cidade de São Paulo, por exemplo, na sua diversidade, encontramos a maior população libanesa fora do Líbano, a maior comunidade japonesa fora do Japão e a terceira maior cidade italiana fora da Itália, além do maior número de nordestinos fora do nordeste brasileiro. Enfim, “a cidade se converteu no lugar próprio das novas culturas que estão sendo geradas e se impondo, com uma nova linguagem e uma nova simbologia” (DAP 510).

A diversidade cultural aparece, não só pelo sotaque, mas também pela culinária e pelos costumes com os traços próprios da cultura de origem. Portanto, em muitas das grandes cidades encontramos bairros com características de italianos, espanhóis, árabes, alemães, judeus, orientais, russos, ucranianos, nordestinos, entre outras culturas. Nas décadas recentes, também a imigração latino-americana deu novas cores às cidades brasileiras, como bolivianos, peruanos, chilenos, haitianos, venezuelanos, entre outros povos. Igualmente, a cultura alimentar dos diferentes grupos culturais pode ser conhecida nos restaurantes típicos, que mostram a face multicultural das cidades. Além da diversidade religiosa, que vai da sinagoga à mesquita, do templo protestante e evangélico à grande diversidade de igrejas católicas organizadas com diversas devoções que expressam a cultura dos diversos grupos.

Dentro do pluralismo cultural, sempre existiu certa dificuldade da inserção da cultura dos afro-brasileiros. Grupo étnico com forte identidade cultural, historicamente privado de cidadania e direitos humanos foi, desde a chegada ao país, um dos maiores

contribuintes ao desenvolvimento econômico e cultural. Mas pela origem histórica, geográfica e a identificação étnico-cultural diversa dos grupos dominantes nacionais, continua a cultura afro sendo excluída e marginalizada, com resultados sociais desastrosos como analfabetismo, desemprego e violência. Na cidade o desemprego assume o carácter de rejeição e inutilidade. Os desempregados acabam sendo marginalizados. Entretanto, não podemos esquecer que temos como contribuição da cultura afro-brasileira, a construção da identidade nacional, a culinária, a religião com os orixás, a música com o samba, que passaram a ser símbolo da cultura brasileira.¹² Contudo, o preconceito entornado às culturas ‘minoritárias’ ainda é presença marcante nas sociedades. Podemos destacar o preconceito dirigido aos negros, aos nordestinos, aos índios, aos homossexuais, dentre outros grupos minoritários, que fazem parte do complexo tecido cultural, integrante da cidade.¹³

A cidade se apresenta como multicultural não porque seja aberta à diversidade e à tolerância¹⁴; mas pelo crescimento desenfreado dos grandes centros urbanos, provocado pelas imigrações e pelo êxodo rural em busca de melhores condições de vida, o que gerou o aumento da exclusão e da desigualdade social presente nestas grandes cidades. Portanto, cada metrópole tem particularidades, especificidades como crenças, culturas e valores específicos próprios. “Para ser cidadão, o indivíduo contemporâneo, globalizado, elevado à condição de um ser global virtual, deve primeiramente se sentir inserido em seu lócus, identificando-se como membro de uma comunidade real, ciente e consciente de sua cultura local”.¹⁵ Portanto, a multiplicidade cultural, social e religiosa é a marca dos espaços urbanos metropolitanos.

¹² Cf. VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

¹³ PEIXOTO, Paulo de T. Peixoto. *Multiculturalismo, transculturalismo e heterogênes urbana: Composições da diversidade para a produção do transconbecimento*. *Visões* n.º.7 - p. 2 - julho / dezembro 2009. p 51.

¹⁴ MARTINS, J. A Cidade Multicultural Disponível in: <https://secities.net/media/objects/articles/the-multicultural-city/pt-br/> Acesso 23/06/2017.

¹⁵ JUNIOR, Bruno W. & HAAS, Ingrid Freire. Multiculturalismo e cidade: A diversidade cultural na política social urbana. Disponível in: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8922. Acesso 24/06/2017.

b) Transformação cultural

A cidade transformou o homem e o homem foi se transformando à medida que foi edificando o ambiente urbano. Assim, a cidade não é um simples espaço físico, mas um horizonte cultural, que cria um estilo de ser, um modo de viver e conviver, uma nova cultura. “A sociedade metropolitana gira em torno do indivíduo isolado no espaço privado e anônimo no espaço público”.¹⁶ O metropolitano vive sua rotina diária na competência e na eficácia daquilo que o sustenta e os subsidia para a vida pessoal, profissional e social. A urbanização aconteceu simultaneamente a um processo de racionalização religiosa, fruto da modernidade. Uma das consequências é que muitos dos habitantes das cidades nasceram no campo e estão marcados por uma mentalidade cultural, religiosa, popular e tradicional, não é mais conservada pelas novas gerações, pois os pais não têm a garantia de transmitir seus padrões culturais aos filhos.

A metrópole é o espaço do cidadão em trânsito, da necessidade de pertença a vários espaços, entre os quais estão, entre outros, os locais de moradia, trabalho, lazer, culto e ensino. O morador da cidade é o homem da multipertença, um ser fragmentado¹⁷, que cria sonhos, pois encontramos pobres que se tornaram cantores, artistas, jogadores de futebol, ricos e famosos. Na cidade as oportunidades aparecem. É o lugar do trabalho, da busca de curas e tratamentos especiais. É o lugar do encontro com a alteridade, o espaço de possibilidade de novas relações e de realização pessoal. Porém, também é o lugar de desafios contínuos, como a falta saneamento básico, de áreas verdes e de lazer, de meios de transporte coletivo suficientes. Encontramos Escolas públicas sucateadas, serviços de saúde ineficazes, moradias precárias. Inclusive, a cidade é o lugar da compra e venda, das exposições permanentes de produtos de todos os tipos. Quase tudo pode ser visto e consumido, ainda que seja apenas pelo olhar.

¹⁶ PASSOS, João Décio (2009). A religião e as contradições na metrópole. P 33

¹⁷ LORO, Tarciso Justino. Perspectivas para a Pastoral Urbana. *Revista de Cultura Teológica* - v. 14 - n. 55 – abril /junho de 2006 p, 113.

Há sempre alguém oferecendo alguma coisa para vender: guloseimas, previsões da sorte, chás, livros, comestíveis, carros, casas, entre outros. Na cidade, tudo se compra e se vende: religião, cultura, sexo, lazer, saúde, música, entre tantos outros produtos.¹⁸

A realidade urbana favorece o individualismo, o subjetivismo e o consumismo, reforçando a autonomia em relação à família, vizinhança, religião e etnia. O indivíduo é o princípio e o fim da vida moral. Inclusive a religião passa ser assunto privado. Até pode ser criado um vazio existencial, pelo consumismo. A insegurança e a violência pode trazer desencanto pela cidade, sufocar a esperança, provocando pânico, fobia e ansiedade. Também a cultura e veneração do corpo, do bem-estar estético, passa ser uma exigência. Existe na cidade a proliferação das academias e dos centros de estética. É o tempo dos “sarados” e “saradas”. A estética visual e a eterna juventude. As pessoas são avaliadas pela utilidade, pela produtividade e pela juventude. Portanto, o idoso vai perdendo lugar, pela improdutividade.¹⁹ Em outras palavras, as novas culturas continuam a formar-se nas enormes geografias humanas onde “o cristão já não costuma ser promotor ou gerador de sentido, mas recebe das outras linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas que oferecem novas orientações de vida (...). Uma cultura inédita palpita e está em elaboração na cidade” (EG 73).

3. A RESSIGNIFICAÇÃO RELIGIOSA NA CIDADE

a) Pluralismo religioso

A religião urbana é cada vez mais heterogênea, exatamente por que a cidade também é cada vez mais formada por uma “pluralidade indicável de pessoas”. Pessoas de diferentes grupos sociais, com diferentes interesses, ideais e materiais. Por isso, em seus textos, Max Weber²⁰ relaciona classes, grupos de status e ca-

¹⁸ Ibidem p 116.

¹⁹ Ibidem p. 117-118

²⁰ Cf. WEBER, Max. Ética protestante e o «espírito» do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p 153,

camadas sociais das mais diversas. Assim como, diversos e distintos contextos urbanos têm razões sociais, políticas e econômicas convergentes e, ou muito mais, divergentes para aderirem a este e não outro modelo religioso. São estes interesses de classes das camadas sociais que podem determinar a opção religiosa.

Igualmente na cidade as práticas religiosas sofreram o impacto do mundo urbano, com uma lógica desagregadora, colocando o indivíduo no centro das ofertas vertiginosas de consumo de todo tipo de bens materiais e simbólicos.²¹ Tudo isso, ecoaria nas preocupações da adesão institucional religiosa, leva a crise das instituições; cada um sente o direito de fazer da vida pessoal o que vem entender, sem o controle das instituições. A pessoa sente-se à vontade, assim, para assistir a um culto evangélico, participar de uma cerimônia budista ou de um ritual afro-brasileiro sem constrangimento e, posteriormente, participar de uma missa na sua Igreja.

A ambivalência religiosa vivida atualmente, se manifesta na recuperação da perspectiva politeísta antiga, como possibilidade de orientação humana, seja na linha da pluralidade dos horizontes de sentido, como diversidade de divindades, seja na linha holística da referência unitária a uma energia imanente que determina, muitas vezes sob a forma de implacável destino a vida dos sujeitos. Vivemos mais do que um processo cultural de secularização nas suas diversas manifestações uma prática de consumação de variadas sacralizações ou divinizações que retomam os problemas permanentes da sacralização indevida do mundo.²²

O elemento religioso é mediado por diferentes estilos de vida, por costumes ligados a um sentido do tempo, do território e das relações que difere do estilo das populações rurais. “Na vida cotidiana, muitas vezes os cidadãos lutam para sobreviver e, nesta luta, esconde-se um sentido profundo da existência que habitualmente comporta também um profundo sentido religioso” (EG 72).

²¹ CARRANZA, Brenda. *Catolicismo Midiático*. Aparecida: Ideias letra. 2011. p 31.

²² DUQUE, J. M. Transmissão da fé em contexto pós moderno. *Perspectiva Teológica* p. 212.

Talvez, seja a razão do crescimento expressivo das denominações pentecostais, que tem sido interpretado, por muitos, como um fenômeno metropolitano, porém de uma metrópole que exauriu o projeto da modernidade, trazendo de volta os velhos encantamentos da natureza e da história. O mundo metropolitano como lugar privilegiado de re-encantamento, reascendendo a busca do sagrado nas mais variadas versões e denominações religiosas.²³

b) “Sem religião” ou sem instituição religiosa

As pessoas “sem religião”, também são mais numerosas nos municípios metropolitanos, marcados pelo pluralismo religioso e cultural, como pelas ofertas religiosas; nas periferias alcançam porcentagem acima da média brasileira. O mundo urbano da metrópole é o espaço de afirmação da religião difusa e de negação da religião institucionalizada. Negação enquanto retira a visibilidade do espaço público dos símbolos religiosos, no inevitável processo de secularização, relegando-a ao espaço das intimidades individuais e confessionais. Afirmação que acolhe no mesmo movimento secularizador a pluralidade religiosa nas mais variadas expressões. É o espaço de criação e recriação religiosa, onde o tradicional e o novo se encontram, se confrontam e se fundem ativamente.²⁴ Para alguns estudiosos²⁵, trata-se de um processo de reencantamento que traz de volta os velhos deuses, numa espécie de revanche à sociedade secularizada. Um fenômeno de emer-

²³ PASSOS, Décio. *Teogonias urbanas: o re-nascimento dos velhos deuses. Uma abordagem sobre a representação religiosa pentecostal*. Tese de doutorado em Ciências Sociais, PUC. São Paulo, 2001. p 127.

²⁴ Cf. PASSOS, João Décio (2009). A religião e as contradições na metrópole. In: SOARES, Afonso Maria Ligorio; PASSOS, João Décio (org.). *A fé na metrópole, desafios e olhares múltiplos*. São Paulo: Paulinas, 2009. P. 22

²⁵ Para aprofundar o tema ver: HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido, a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008. BALANDIER, George. *O dádalo, para finalizar o século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. PIERUCCI Antônio Flávio, Reencantamento e dessecularização. A propósito do auto-engano em sociologia da religião. In: *Novos Estudos Cebrap*, n. 49, nov., 1997, p. 99-117. VATTIMO, Gianni. *Acreditar em Acreditar*. Lisboa: Relógio D'Água Editores 1988. BERGER, Peter. “A dessecularização do mundo; uma visão global”. In: *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro: Iser, v.21 (1) 2001, p 9-24.

gência da cultura popular que, no centro urbano, permitindo ao elemento religioso participar dos processos culturais como agente de significação e interferência na realidade.²⁶ A religião desenha a paisagem da metrópole com seus templos e cultos, lugar de basto mercado religioso.²⁷

A cidade aparece como menos religiosa, no sentido institucional. Quem migra à metrópole deve escolher a sua religião, que pode ser a mesma da tradição, reinterpretada em função do contexto urbano, pode ser outra ou simplesmente ficar “sem religião”. “Na sociedade rural, a igreja católica é o centro de convergência, na grande cidade é um dos muitos ‘serviços’, que a cidade oferece”.²⁸ No campo e nas pequenas cidades, a religião passa pela tradição cultural, expressa pela vontade dos pais e dos superiores em geral. As relações humanas se dão num forte entrelaçamento entre a pessoa, o ambiente familiar e o grupo cultural. Na metrópole, o indivíduo constrói o próprio caminho, que representa certo apelo para a liberdade individual e para autonomia nas decisões e opções. Neste sentido aparece o paradoxo que atualmente é revelado, mostra a tensão entre individualismo extremo e massificação implacável, que coloca a questão da relação entre pertença comunitária e autoafirmação do indivíduo, que encontra na realização individual o sentido da existência.²⁹

²⁶ PASSOS. p 12-13.

²⁷ Para Peter Berger (1985, p. 149), a característica-chave de todas as situações pluralistas, quaisquer que sejam os detalhes de seu pano de fundo histórico, é que os ex-monopólios religiosos não podem mais contar com a submissão de suas populações. A submissão é voluntária e, assim, por definição, não é segura. Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser colocada no mercado. Ela tem que ser “atraente” para uma clientela que não está mais obrigada a “consumir”. A situação pluralista é, também, uma situação de mercado. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica do mercado. As instituições religiosas se adaptam à sociedade urbana moderna trocando o dogmatismo e a rigidez pelo diálogo na definição de normas e valores condizentes.

²⁸ ANTONIAZZI, Alberto. A Igreja Católica face à expansão do pentecostalismo. In: ANTONIAZZI, Alberto (org.). *Nem anjos nem Demônios, Interpretações sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. p 84.

²⁹ Cf. DUQUE, J. M. Transmissão da fé em contexto pós moderno. *Perspectiva Teológica* p. 214

Nas palavras de Peter Berger³⁰, a característica-chave de todas as situações pluralistas, quaisquer que sejam os detalhes de seu pano de fundo histórico, é que os ex-monopólios religiosos não podem mais contar com a submissão de suas populações. A submissão é voluntária e, assim, por definição, não é segura. Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser colocada no mercado. Ela tem que ser “atraente” para uma clientela que não está mais obrigada a “consumir”. A situação pluralista é, também, uma situação de mercado. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica do mercado. As instituições religiosas se adaptam à sociedade urbana moderna, trocando o dogmatismo e a rigidez pelo diálogo na definição de normas e valores condizentes.

c) **Ressignificação religiosa**

Entretanto, a religião não desaparece, com as diversas mudanças causadas pela cultura pós-moderna, muito pelo contrário houve uma resignificação urbana, que muitas vezes acontece fora da instituição. A modernidade conhece uma fermentação religiosa. Agora a pessoa faz a experiência individual de Deus no seu coração, nos seus próprios sentimentos, nas suas próprias emoções religiosas sem necessidade de uma ligação com a instituição. Sente a presença e o amor de Deus de modo sensível. A experiência torna-se mais intensa pela comunicação com outras experiências. Se a mesma experiência é vivida simultaneamente por milhares ou centenas de milhares de pessoas, a experiência transforma-se numa plenitude de alegria e emoção: choram, gritam, batem palmas, usam o corpo ... A subjetividade e o individualismo urbano metropolitano estão também, incorporados no discurso e na prática das Igrejas evangélicas pentecostais, respondendo e confirmando, em chave simbólica, esse modo de viver moderno e pós-moderno instituído pela sociedade capitalista.

³⁰ BERGER, Peter. *O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985. p 149.

As crenças e vivências religiosas na metrópole voltam-se, também, para soluções de problemas nem sempre procurando o significado último da existência, mas questões imediatas, requerendo respostas objetivas, eficientes e pragmáticas. A crença em Deus, no mundo urbano da metrópole, continua em alta. Entretanto, o que mudou foi a própria concepção de Deus. Não se trata mais de um Deus criador, pessoal, externo e tido como autoridade máxima. A concepção de Deus que mais cresce é a de uma energia ou princípio vital, mas que se encontra por toda parte. Um deísmo mais que um teísmo.³¹ Além do mais, buscam-se soluções imediatas, muitas vezes de maneira mágica, sem comunidade religiosa. Neste sentido, entendamos o florescimento de novas comunidades e de Novos Movimentos Religiosos, não institucionalizados de maneira rígida, nos grandes centros urbanos; isto é, associações religiosas e correntes de espiritualidade surgidas nos dois últimos séculos sobre bases já de religiões antigas, tradições esotéricas, gnósticas ou o pensamento original de seus fundadores.

d) O secularismo

Se por um lado houve uma resignificação religiosa na cidade, por outro lado houve um afastamento, acreditamos que essa mudança é fruto do pluralismo religioso e da secularização,³² embora o conceito de secularismo nascesse no contexto europeu, não obstante quando se fala da religião refere-se mais à tradição judaico-cristã.

³¹ GUEIRRERO, Silas. Problemas Urbanos e eficácias rituais. In SOARES, Afonso Maria Lígiorio & PASSOS, João Décio (ORG). *A fé na metrópole, desafios e olhares múltiplos*. São Paulo: Paulinas, 2009. p 374

³² A religião dentro da secularização deve ser pensada em três níveis: institucional, cognitivo e de comportamento. Em termos institucionais representou a substituição no amplo campo de diferentes funções, da instituição religiosa para instituições autônomas. Em termos cognitivos, secularização significou o processo de racionalização das explicações da realidade. E por fim, em termos de comportamento, significou a privatização da própria experiência religiosa. Não há extinção da religião, mas seu deslocamento para a esfera do sujeito (GUERRIERO, Silas. A visibilidade das novas religiões no Brasil In: MUNIZ, Beatriz de; MARTINHO, Luiz Mauro Sá (org.). *Sociologia da religião e mudança social*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 168).

Para Stefano Martelli³³, o termo designa os processos de laicização, a autonomia em relação à esfera religiosa, que surgiram no Ocidente a partir da dissolução do feudalismo. Porém, não há unanimidade sobre o conceito de secularização entre os diferentes autores desde as origens do termo. A secularização, contudo, qualquer que seja o entendimento, não ocorre da mesma forma e ao mesmo tempo em todos os lugares; mas emerge, ou não, em certos grupos e lugares, de acordo com cada contexto e suas influências; atinge as sociedades e os indivíduos de maneira diferente.

Segundo o pensamento do filósofo italiano Gianni Vattimo³⁴, a categoria da secularização constitui um momento significativo, no que diz respeito à filosofia, seja aquela reflexão ligada à experiência religiosa. Dentro deste contexto a secularização se constitui numa palavra chave. “É um fenômeno historicamente verificável e incontestável”.³⁵ Reencontrar-se com o cristianismo implica, antes de tudo, a tarefa de repensar os conteúdos da revelação em termos secularizados. Há um sentido positivo da secularização, ao repropor a questão de Deus como pergunta pelo sentido na realidade contemporânea.

A secularização, iniciada na encarnação, continua em processo na modernidade e tem como possibilidade, além de devolver à religião seu lugar central na sociedade pós-metafísica, educar o ser humano para a «superação da essência originária violenta do sagrado e da própria vida social». ³⁶ A ameaça da sociedade técnica e científica sobre o sujeito é aquilo que do ponto de vista religioso é como uma dissolução dos valores sagrados por parte de um mundo cada vez mais materialista, consumista, no qual convivem diversos sistemas de valores que parecem possibilitar uma verdadeira moralidade, e onde o jogo das interpretações

³³ MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995 p 275.

³⁴ VATTIMO, Gianni. *Acreditar em Acreditar*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1998 p 76.

³⁵ MARTELLI. *A religião na sociedade pós-moderna* p. 27

³⁶ VATTIMO, Gianni. *Acreditar em Acreditar* p 41.

parece impossibilita qualquer acesso à verdade³⁷. Dentro da ideia de secularização, podem-se questionar muitas das posturas da igreja, por exemplo, a moral religiosa tradicional e a concepção cristã de Deus e do ser humano. No primeiro caso, parece que há uma geral aceitação de valores cristãos. Contudo, isso não quer dizer que o mundo passou a ser muito melhor que no passado, mas que o anticlericalismo moderno fundado na razão científica e historicista acabou. Diante disso a Igreja Católica prega uma moral familiar e sexual fundamentada na necessidade de defender a imagem de “crentes verdadeiros”, diferentes dos crentes mornos. Com o enfraquecimento da moral religiosa, advindo da secularização, “o sexo se torna mais livre, mas, sobretudo, porque tende a perder aquela aura sagrada”.³⁸

Em termos específicos de religião, secularização não é o abandono da experiência e da tradição, é uma transformação de valores para o pluralismo religioso e uma religiosidade sem instituição. A partir disso Vattimo afirmou que “uma cultura secularizada não é uma cultura que tenha simplesmente atirado para trás das costas os conteúdos religiosos da tradição, mas que continua a vivê-los como vestígios, modelos ocultos, mas profundamente presentes”.³⁹ Em outras palavras, secularização pode ser também, a presença do religioso de forma não religiosa. Uma resignificação da religiosidade tradicional. Na modernidade, o impacto da secularização tem sido mais forte nos homens do que nas mulheres, em pessoas de meia idade do que em muitos jovens ou idosas, nas cidades do que no campo, em classes diretamente vinculadas a classe industrial mais do que as ocupações mais tradicionais, em protestantes e judeus mais que em católicos.⁴⁰

³⁷ Ibidem p. 48.

³⁸ Ibidem p. 50-55.

³⁹ VATTIMO, G. *A sociedade transparente*. Lisboa: Relógio d'Água, 1992 p 47.

⁴⁰ BERGER PETER. *O dossel sagrado*. p 120.

d) Deus habita a cidade

Contudo, a fé nos ensina que “Deus habita na cidade” (Sl 47,9), identificando a cidade a partir do olhar contemplativo⁴¹, do olhar de fé que descubra Deus que habita nas casas, nas ruas, nas praças (EG, 71); em meio das alegrias, desejos e esperanças, como também em meio das dores, tristezas e sofrimentos. As sombras que marcam o cotidiano das cidades, como a violência, a pobreza, o individualismo e a exclusão, não podem nos impedir que busquemos e contemplemos ao Deus da Vida nos ambientes urbanos. Portanto, não devemos esquecer que, as cidades são lugares de liberdade e de oportunidade para todos, porque as pessoas tem uma variedade ampla de possibilidades em todos os sentidos. Igualmente, nas cidades é possível experimentar vínculos de fraternidade, solidariedade e universalidade. Os indivíduos são constantemente chamados a caminhar sempre mais ao encontro do outro, a conviver com o diferente, a aceita-lo e ser aceito por ele (DAp 514).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas grandes cidades encontramos os maiores desafios da nossa época, como a violência, o medo, a insegurança, a fragilidade dos indivíduos, entre muitos outros, mas também encontramos as maiores oportunidades de vida como a educação, o emprego, entre outros aspectos. Como cristãos devemos generosamente, adaptarmos aos diferentes costumes e às distintas condições de vida, colaborando com todos, a fim de sermos sinais de esperança na sociedade fragmentada.

⁴¹ “Deus habita a cidade” (Sl 47,9), a expressão faz parte de um salmo de júbilo e louvor a Deus pela vitória sobre os inimigos de Jerusalém; o salmista está consciente que a vitória é devida à ação de Deus, que protege e socorre o povo. A mesma temática aparece nos salmos 46 e 48. Além do aglomerado de casas e lugar de convivência, a cidade é imagem da “casa de Deus”, da reunião do povo ao redor de Deus, como a família em torno do pai; Jerusalém é vista como a habitação de Deus com seu povo, a sede da justiça, da fraternidade e da paz. No Novo Testamento, a cidade terrena é imagem da “cidade celeste”, para a qual todos estão peregrinando (cf. Hb. 13,14). Babilônia cidade corrompida e pecadora, é contraposta à nova Jerusalém, cidade redimida e fiel, morada de Deus com seu povo (cf Ap. 18 e 21).

Na cidade existe a cultura pluralista, que se manifesta por meio de complexas transformações socioeconômicas, culturais, políticas e religiosas, que criam impactos em todas as dimensões da vida e da ação pastoral. Essas multifaces causam inseguranças e contradições como vida e morte, segurança e violência, certezas e dúvidas, personalismo e pluralismo. Ao mesmo tempo em que oferecem infinitas possibilidades, interpõem também numerosas dificuldades ao pleno desenvolvimento da vida. Além dos medos representados pelas reações xenofóbicas, pelos rancores contra os pobres e marginalizados. Além do mais existe a cultura do efêmero, tudo se apresenta como transitório e provisório: as relações humanas, os casamentos, o emprego, as alianças e os pactos. Existe um clima de medo e incerteza em relação ao futuro.

Também aparece a cidade menos religiosa, no sentido institucional. Quem migra para os grandes centros urbanos deve escolher de novo a religião, que pode ser a mesma da tradição anterior, reinterpretada em função do contexto urbano, mas também pode ser outra religião ou igreja, inclusive pode ficar “sem religião”. Portanto, o indivíduo constrói o próprio caminho religioso, que representa o apelo para a liberdade e para autonomia nas diversas opções e decisões religiosas. As motivações pragmáticas existenciais estão na base da escolha da religião, como a necessidade de resolver problemas pessoais: desemprego, doença, desavenças familiares estão presentes na opção da igreja ou religião. A diversidade e pluralismo religioso permitem ao indivíduo ter acesso a uma experiência religiosa individual, privada, e subjetiva, inclusiva à mobilidade religiosa. Cada um faz a crença e a religião de acordo com suas necessidades imediatas. O valor último *é o próprio indivíduo*.

A multiplicidade cultural urbana favorece o individualismo, o subjetivismo e o consumismo, reforçando a autonomia em relação à família, vizinhança, religião e etnia. O indivíduo é o princípio e o fim de toda ação. Na diversidade da cultura urbana se alimentam os laços superficiais, transitórios, especializados e desconectados nas vizinhanças e nas ruas. Com isso, os laços extensos familiares têm se esvaziado, deixando os indivíduos sozinhos com seus próprios recursos, além de poucos amigos transitórios e incertos,

criando mudanças de paradigmas no comportamento. Como consequência, existe a solidão e o individualismo que levam as pessoas aos refúgios das novas tecnologias, sofrendo mais seriamente de doenças, devido à ausência de suporte social de amigos e parentes.

A cidade é marcada pela pluralidade: cada grupo, família, pessoa tem um modo próprio de ser e de viver no mundo urbano, que não se limita apenas ao espaço físico, mas também ao aspecto social, cultural e religioso. Pluralidade marcada também nas múltiplas contradições, por um lado as cidades produzem riqueza e bem-estar para uma porção de pessoas, por outro lado trazem segregação social e exclusão para bom número da população, obrigada a sobreviver em condições precárias e subumanas.

Enfim, nós Missionários Xaverianos e Xaverianas, diante das inumeráveis interfaces culturais e religiosas, somos desafiados na ação missionária ao crescimento da sensibilidade e do comprometimento concreto com a promoção humana e com a justiça; acreditando na opção preferencial pelos pobres e afastados, como orientação fundamental da vida e do engajamento da ação missionária, enxergando o mundo a partir do ponto de vista dos pobres e excluídos nas periferias geográficas e existenciais. Inclusive nós xaverianos e Xaverianas desenvolvemos a maioria de nossas atividades seja formativas, pastorais ou missionárias nas grandes metrópoles.

PARA REFLETIR

1. Nosso modo de fazer pastoral e missão se enquadra nos parâmetros da cidade hoje?
2. Quais as alternativas para fazer face aos desafios da vida na metrópole a luz do Evangelho?
3. Em um mundo individualistas, subjetivista e consumista, como fazer do mundo uma só família?
4. Quais valores reconhecer na cidade e no mundo plural que ela engendra?